

O futuro depende de resultado

SOCIOAMBIENTAIS

Há exatamente duas décadas, a médica norueguesa Gro Harlem Brundtland – primeira mulher chefe de governo daquele país – apresentou o seu célebre documento “Nosso futuro comum”, também conhecido como Relatório Brundtland, no qual o desenvolvimento sustentável é “aquele que satisfaz às necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

ESTE CONCEITO FOI INCORPORADO À Agenda 21, um dos principais resultados da conferência Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1992, na qual ficou bem clara a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não governamentais e todos os setores da sociedade podem cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais.

Hoje, sob uma denominação ainda mais abrangente, a sustentabilidade abrange todos os aspectos da sociedade humana – econômicos, sociais, culturais, ambientais – e sua continuidade. E passou a ser uma diretriz para as empresas e nações que buscam um desenvolvimento que seja – de fato e não no discurso –, economicamente viável, socialmente justo, ecologicamente correto e culturalmente aceitável pela sociedade.

Para atingir esta meta, em escala global – ou planetária –, a humanidade ainda tem um longo caminho a percorrer. Cabe àqueles que comandam as nações, as empresas, as organizações, adotarem a sustentabilidade como uma premissa, e não mais como um conceito aplicável a uma ou outra ação.

“O futuro depende de resultados sociais e ambientais”, afirma o engenheiro e professor Osvaldo Quelhas, coordenador geral do Laboratório de Tecnologias Gestão de Negócios e Meio Ambiente (Latec) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que atua na interface das áreas de Educação, Comunicação e Tecnologia, com Pesquisa e Desenvolvimento.

Gestor de processos em várias organizações nacionais e internacionais, desde 2001 ele atua na UFF, sendo também coordenador do Mestrado Profissional em Sistemas de Gestão. Professor do programa de Mestrado em Engenharia Civil

(UFF), na área de Gerenciamento da Produção Civil: Sistemas de gestão com ênfase na Sustentabilidade, ele é presidente da Associação Brasileira de Engenharia de Produção (Abepro) e membro efetivo da Comissão de Responsabilidade Social do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP).

“A sustentabilidade na área energética é fundamental, uma vez que tem implicações diretas na questão das mudanças climáticas, bem como no uso racional dos recursos energéticos e busca de fontes alternativas de energia”, afirma Osvaldo Quelhas nesta entrevista à **TN Sustentável**.

O conceito de sustentabilidade ainda não está claro para muita gente do setor. O senhor poderia explicar melhor o que é sustentabilidade e quais são os pilares da sustentabilidade das empresas e das nações?

O termo ‘sustentabilidade’ vem sendo usado de forma genérica, quando a organização, o governo ou uma comunidade adota princípios do Desenvolvimento Sustentável (que inclui cuidados com a natureza, com os impactos sociais e econômicos) para serem considerados como diretrizes para sua operação. Por exemplo: adotar diretrizes de não praticar corrupção. Temos exemplos no Brasil de organizações competidoras em mercado de compras governamentais assumindo entre si o pacto de não aceitarem assédios por parte de representantes dos governos locais e de todas as esferas do poder em pagar valores para fechamento de negócios. Logo, quando uma organização pública, do terceiro setor ou privada adota o eixo da sustentabilidade para sua atuação, compreende-se que ela inclui nos valores a serem praticados a ética nas relações com todos os impactados pelo seu negócio ou processo; respeito e cuidado com seus colaboradores ou funcio-

“
A sustentabilidade na área energética é fundamental, uma vez que tem implicações diretas na questão das mudanças climáticas, bem como no uso racional dos recursos energéticos e busca de fontes alternativas de energia.

nários; regime de cooperação com seus fornecedores e clientes; e desenvolve sistema de gestão ambiental, incluído no conceito de Produção + Limpa e com postura proativa.

Responsabilidade individual/corporativa, responsabilidade ambiental, responsabilidade econômica e responsabilidade social são critérios importantes de sustentabilidade?

Compreende-se que os resultados econômicos são o reflexo de dados do passado. A empresa os analisa para saber se seus mecanismos de controle orçamentário, de custos, de formação de preços está correta. Mas constitui avaliação de dados do passado. Os resultados sociais e ambientais, considerados como "responsabilidade social e ambiental", são a base sobre a qual o futuro da comunidade, da organização pública, privada ou do terceiro setor, se apóia. Ter bons resultados no diálogo com as partes interessadas e impactadas pelo processo de operação das organizações, incluindo-se aí tanto os aspectos sociais quanto os ambientais, é condicionante para a 'sustentabilidade' da organização ao longo do tempo. O futuro depende dos resultados sociais e ambientais. A responsabilidade social inclui o desenvolvimento de ambiente confortável e adequado para os funcionários, desde os aspectos de segurança até a garantia de condições boas de clima entre seus colaboradores. Ambiente físico e psicológico adequado e motivador incentiva e garante a realização da inovação, da melhoria contínua no processo de vida e de produção, garantindo sucesso no futuro. A sustentabilidade na área energética é fundamental, uma vez que tem implicações diretas na questão das mudanças climáticas, bem como no uso racional dos recursos energéticos e busca de fontes alternativas de energia.

O Brasil é citado como um dos países que está na frente na busca por fontes alternativas de energia. O senhor acredita que os biocombustíveis, o H-Bio, o etanol e outras fontes que vêm sendo desenvolvidas no país o colocarão em posição de destaque no cenário mundial?

Já tivemos o ciclo da borracha na Amazônia, o ciclo do café e outros ciclos econômicos e fomos sempre superados. A causa disso é não investir em inteligência. Mais uma vez existe a possibilidade de o país ser um líder em determinado aspecto. Isto depende de associarmos inteligência e estratégia no campo energético, principalmente no campo das energias alternativas. A energia eólica e solar são muito incipientes, em termos de pesquisa e de iniciativas concretas, no Brasil. Os biocombustíveis são uma realidade mundial. O governo federal tem utilizado inteligência em suas relações com outros países, na disponibilidade (através de acordos) de cessão de tecnologia de produção de etanol e de biocombustíveis. A transferência de tecnologia nesse campo para países emergentes ou mais pobres torna o Brasil um referencial em 'cooperação', que é o verdadeiro combustível de diferenciação e de relevância. Mas além de disseminar a tecnologia de produção de cana-de-açúcar e de produção de álcool, o Brasil precisa continuar a inovar, pesquisar e desenvolver tecnologia.



A despeito dos avanços na área de biocombustíveis, quais são nossos grandes desafios na área energética? Ou seja, quais são nossos pontos críticos? Falta ainda, por exemplo, soluções efetivas para assegurar a eficiência energética (meios que demandem menos energia) e evitar o desperdício de energia, através da educação ambiental?

Temos dado ênfase em nossa atuação como docente e pesquisador à utilização dos modernos conceitos de ecoeficiência, de produção mais limpa e de tecnologias limpas, para a formação de quadro de engenheiros e gestores dedicados à otimização dos sistemas produtivos quanto ao consumo de energia e de insumos não renováveis.

Cabe ao Estado ou às empresas ajudar neste processo de educação ambiental?

As empresas são demandadas no processo de educação para complementar a ação do Estado. É notório que algumas empresas têm produção econômica anual superior ao Produto Interno Bruto de muitos países. Assim a própria Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu as Metas do Milênio, que são apoiadas e assumidas pelas empresas. Estas assinam a adesão às metas do milênio e passam a incorporar em suas estratégias empresariais ações em favor da consecução de tais metas. O Estado tem função imprescindível de estabelecer meios e de atender às necessidades dos cidadãos. Educação ambiental, portanto, é inerente ao processo educacional.

Por que a sustentabilidade é vital para a longevidade das empresas e das nações?

Já expliquei em questão anterior e posso dar um exemplo muito simples. Sem os cuidados e limitações quanto à emissão de CO₂, por exemplo, o planeta terá drásticas mudanças de clima e isto implicará na inviabilidade de continuidade de operação de muitas organizações. ■